

**ENTRE TERÇOS E “CACETES”: UMA NOVA TENTATIVA DE
INTERPRETAÇÃO DO MOVIMENTO
MESSIÂNICO/MILENARISTA DE PAU DE COLHER
(CASA NOVA, BAHIA, 1934-1938)**

Filipe Pinto Monteiro¹

Resumo: A proposta deste artigo é analisar a gestação de um movimento social de cunho religioso em Pau de Colher, no município de Casa Nova, interior da Bahia, na década de 30, e o seu impacto político nas relações de força durante os anos de implementação da Revolução de 30. A investigação será encaminhada, apontando as semelhanças do episódio com outros movimentos messiânicos – em especial, em Juazeiro do Norte (1889-1934), dos Padres Cícero Romão Batista (1844-1934), e em Caldeirão dos Jesuítas (1926-1936), do beato José Lourenço Gomes da Silva (1872-1946) – e os significados de suas características, a partir de uma bibliografia específica sobre messianismos e milenarismos, no judaísmo antigo e na contemporaneidade, a forma como foi utilizada por autoridades baianas, para alcançar determinados objetivos político-partidários e as repercussões de sua repressão.

Palavras-chave: Pau de colher; Messianismo; Revolução de 30

Abstrat: The purpose of this paper is to analyze the birth of a religious social movement in Pau de Colher, in the municipality of Casa Nova, Bahia's inland, in the 30s, and its impact on political and power relations during the implementation of the 30's Revolution. Our investigation will proceed by pointing out similarities between this episode and other messianic movements – especially Juazeiro do Norte (1889-1934), of Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) e Caldeirão dos Jesuítas (1926-1936), of blessed José Lourenço Gomes da Silva (1872-1946) – underlining its own significations from a specific bibliography on messianism and millenarism in ancient Judaism and the in contemporaneity, how it was used by the authorities to achieve certain political goals and the repercussion of its repression.

Keywords: Pau de Colher; Messianism; 30's Revolution

¹ Aluno do Programa de Pós-graduação em História Social na UFRJ, onde desenvolve a dissertação: *A gestação e o impacto político do movimento messiânico-milenarista de Pau de Colher (Sertão da Bahia, 1934-1938)*, sob orientação da Prof. ^a Dr. ^a Jacqueline Hermann.

Todo Baiano
já havia esquecido
do que passou-se em Canudos
Por causa de um bandido
Quando surgiu este caso
Que acho bem parecido.

O beato Zé Lourenço
Há mais de um ano no passado,
Pelas forças cearenses
Tinha sido atropelado,
No interior de Pernambuco
Ficou seu povo espalhado.

Cada um destes fanáticos
Que possuía mulher
Levava filhos e filhas
E nisso não tinha qualquer
E foram localizando
No lugar Pau de Colher...

Francisco Severino. *Façanhas do beato Zé Lourenço em Pau de Colher*

As primeiras investigações consistentes sobre *Pau de Colher*, movimento messiânico/milenarista que ocorreu no município de Casa Nova, interior da Bahia, entre os anos de 1934 e 1938, apareceram no clássico *O messianismo no Brasil e no mundo*, da socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, cuja primeira edição é de 1965.¹ A autora se baseou nos manuscritos, então inéditos, do antropólogo Raymundo Duarte, professor da UFBA, que fez a primeira exposição sobre o caso em 1969, com suas valiosas *Notas preliminares de estudo do movimento messiânico de Pau de Colher*.² A pesquisa foi resultado de um trabalho, sob orientação de Thales de Azevedo, sobre o que era chamado, na época, de “surtos messiânicos”.³

Essas análises fizeram parte de uma *tradição socioantropológica* que marcou as observações iniciais sobre movimentos religiosos de cunho messiânico e milenarista no Brasil, a partir do final dos anos 50 e início dos 60 do século XX. Antropólogos, sociólogos e jornalistas se debruçaram sobre tais fenômenos, produzindo um conjunto valioso de pesquisas monográficas,⁴ ou, o que era mais habitual⁵, afinadas com as tendências da época – como o estruturalismo⁶, o funcionalismo⁷ ou o marxismo⁸.

A obra de Pereira de Queiroz pode ser incluída nesse segundo grupo, pois a autora procura fundamentar uma “sociologia geral do messianismo” que abarque várias

manifestações de diversas épocas e grupos sociais, daí a sua importância. Tinha por objetivo a

[...] reunião de todos os movimentos messiânicos num quadro único, seja qual for a sociedade a que pertençam, segundo um ângulo que nos facilite verificar se, sociologicamente, há limites dentro dos quais se processa a sua variabilidade, e se, entre tais limites, há possibilidade de se distinguirem classes, gêneros, espécies de movimentos (1965:42).

Entre os variados fenômenos por ela resgatados, “Pau de Colher” aparece incluído no grupo dos *Movimentos Messiânicos Rústicos*. Seriam aqueles vinculados à vida rural brasileira, marcados pelo universo das culturas tradicionais do homem do campo, geradas a partir da transferência e da modificação dos traços da cultura portuguesa, em virtude do contato com índios e negros. A ideia de *rusticidade* utilizada pela autora é tomada de empréstimo a Antônio Candido⁹ e reflete, portanto, uma confluência de valores, práticas e costumes que marca diversas regiões do país, incluindo a área que mais interessa ao objetivo deste artigo: o Vale do São Francisco, espaço que, atualmente, se estende pelos Estados da Bahia, de Minas Gerais, da Paraíba, do Ceará, de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. O vale é tradicionalmente subdividido em Alto, Médio, Submédio e Baixo, zonas que se prolongam do nascedouro do rio, na Serra da Canastra, em Minas Gerais, até Sergipe e Alagoas, onde as águas fluviais encontram o oceano.

Ao longo desse vasto território, podemos destacar duas áreas bem distintas: a *Ribeira São Franciscana*, que margeia todo o leito do rio, e o *Alto Sertão*, que, no caso específico da porção baiana, pode adentrar léguas para o interior. O povoado de Pau de Colher situava-se nessa última faixa de terras, em pleno semiárido, no chamado Polígono das Secas, distante aproximadamente 90 km da sede do município de Casa Nova, este, próximo às fronteiras com os Estados de Pernambuco e Piauí.¹⁰ Empregando as delimitações descritas no parágrafo anterior, a cidade estava na altura da região que se convencionou chamar de *Baixo Médio São Francisco*. O movimento religioso que ali se gestou teve um impacto profundo na região, mobilizou forças policiais e militares de três Estados (Pernambuco, Bahia e Piauí), envolveu questões políticas e religiosas, chegando inclusive ao conhecimento do Presidente da República, Getúlio Vargas (1882-1954).

Estudos preliminares, realizados por Raymundo Duarte,¹¹ Maria Alba G. M. Mello¹² e Roberto Malvezzi¹³ apontaram, em *Juazeiro do Norte* (1889-1934), do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) e na comunidade do *Caldeirão dos Jesuítas* (1926-1936), do beato José Lourenço Gomes da Silva (1872-1946), condicionantes remotos da gestação do *Movimento de Pau de Colher*. Pereira de Queiroz também identificou, de forma bastante generalizada, as origens de outras experiências de caráter messiânico/milenarista no nordeste brasileiro, na atuação de Padre Cícero:

A partir do movimento em que dois grandes santos autóctones figuraram nos oratórios rústicos – Padre Cícero, no Nordeste, e João Maria, no sul – polarizaram em torno de si a espera messiânica, e as lendas correntes gravitaram-lhes em redor. Daí em diante, passaram a ser os heróis messiânicos, e se reencarnaram em várias figuras, dando lugar ora a embriões de movimentos, prestes a ser abafados, ora a movimentos que plenamente desabrocharam. Enquanto no sul não temos notícia de nenhum importante pela sua extensão e duração, no nordeste vários tiveram lugar, dignos de estudos, que apenas começam a ser efetuados.¹⁴

No primeiro capítulo de nossa dissertação – aprovada pela Banca de Qualificação da UFRJ, em abril de 2010 – seguimos pelo mesmo caminho, mas aprofundamos a investigação. Fontes inéditas, coletadas em arquivos do Rio de Janeiro e de Salvador, reforçaram a tese de que o vínculo entre os três movimentos aludidos se deu através de um único personagem, o enigmático beato *Severino Tavares*. Optamos, então, por reconstruir sua trajetória, inexplorada até o momento, o que se mostrou essencial para a compreensão da circulação de ideias, crenças e personagens em diversos espaços nos sertões do nordeste.

A documentação nos trouxe também um conjunto de dados e informações que permitiu uma abordagem diferente em torno da problemática essencialmente religiosa da comunidade. Em outras palavras, arriscamos uma nova reflexão sobre a natureza e a dinâmica do mito messiânico de “Pau de Colher”, fonte de sua autonomia frente aos movimentos que o precederam e não o contrário, como sugerem estudos antecedentes.

Outro ponto privilegiado por nós, e ignorado pelos especialistas, é o impacto político do movimento frente a uma nova realidade da República brasileira, com a ascensão de Vargas à presidência e a posterior instalação do Estado Novo. Tentamos, portanto, algo inédito, a partir da documentação disponibilizada: trazer luz à complexidade do arranjo de forças que se somaram para eliminar uma manifestação

sociorreligiosa, que se tentava estabelecer fora das fronteiras burocrático/estatais.

Cabe destacar que, a partir do que foi coligido, privilegiaremos aqueles documentos que obedçam ao contexto histórico em que se desenrolaram os acontecimentos em Pau de Colher, mesmo quando, relatados enquanto fatos ou suposições, respeitem a narrativa cronológica dos acontecimentos, reconstruída a partir da leitura do conjunto do material reunido, apoiado pela bibliografia pertinente e, por fim, não se prendam apenas a um discurso/leitura do processo de interpretação do messianismo naquele local, mas contemplem os diferentes atores envolvidos.

SEVERINO TAVARES E O MITO MESSIÂNICO DO CALDEIRÃO

Severino era um beato penitente, “secretário” de Zé Lourenço (que, por sua vez, foi pupilo de Padre Cícero), incumbido de angariar adeptos para o Caldeirão por todos os rincões nordestinos, uma espécie de “relações públicas” da comunidade. Realizou uma extensa peregrinação por toda a região do Médio São Francisco, passando pelos municípios de São Raimundo Nonato, Remanso, Santo Sé e Casa Nova. Neste último, pregou em Castanheiro, São José, Santa Cruz, Queimadas, Ouricouri, Surdo, Lagoa do Alegre e, por fim, Pau de Colher.¹⁵

Dizendo-se emissário de Padre Cícero e representante de Zé Lourenço, tornou-se conhecido como *Padrim Conselheiro*, conseguindo angariar muitos fiéis para Caldeirão.¹⁶ Cid Carvalho, jornalista de *O Pharol*, dá-nos algumas pistas do poder de persuasão de Severino:

Ninguém, de senso normal e instintos humanizados, póde observar sem um brado de revolta, sem um grito de alerta para as autoridades constituídas, as conseqüências da acção nefasta, e dissolvente do bandido Severino Tavares, vulgo “Conselheiro” e de outros tantos sectários do mal, que percorreram em romaria vasto trecho da região sanfranciscana [...].

Nas excursões feitas pelos aventureiros através dos nossos sertões, tamanha foi a ousadia dos mesmos e tão ampla foi a tolerância das autoridades policiaes, que o “Conselheiro” chegou a fazer as suas “pregações” até nas cidades, como se verificou em Remanso.

D’ahi a popularidade alcançada pelo audaz beato “Severino” que se dizia a “Terceira pessoa da Santíssima Trindade” no meio dos nossos incautos patrícios das aldeias e povoados, a ponto de n’um delles, quando em desobriga pelo interior da sua parochia, ser um sacerdote

coagido e quase agredido pela massa fanatisada, isto porque se mostrou contrário á falsa doutrina do perverso beato.¹⁷

Parece oportuno destacar do texto o fato de Severino se considerar a “Terceira pessoa da Santíssima Trindade”, o que nos leva a pensar que as outras duas seriam Zé Lourenço e o próprio Padre Cícero, o que confirma a influência desses personagens em suas pregações. Isso fica mais claro em outra reportagem do jornal *O Pharol*, de Petrolina, em 3 de fevereiro de 1938, que vincula Severino diretamente a seus predecessores:

Perseguidos pela policia cearense, no anno passado, os fanáticos de Zé Lourenço, que existem aos milhares no interior de Pernambuco, Bahia e Piauhy, não se deixaram vencer; os poucos foram se localizando em Pau de Colher, chefiados por Severino Tavares o “espírito santo” e segunda pessoa de Zé Lourenço, o enviado do Padre Cícero para salvar o seu povo, onde se entregavam ás estranhas “praticas” e “penitencias” attrahindo muita gente das vizinhanças.¹⁸

Em Pau de Colher, Severino encontrou pequenas propriedades ocupadas por algumas famílias, entre elas a de *José Senhorinho Costa*, peça-chave para o nascimento do movimento messiânico naquela localidade. A família de Senhorinho tinha boas roças, plantava algodão e mamona, produtos valiosos para exportação, adquirindo assim, certo *status* na comunidade.¹⁹ Todavia, para além de seu domínio econômico, Senhorinho desfrutava de um enorme prestígio pessoal, pois, desde jovem, tinha a fama de “rezador” e “curandeiro”, habilidades que aprendera com sua mãe. Ficou hospedado na casa de Senhorinho por algum tempo e com ele estabeleceu forte amizade, contando-lhe tudo sobre a experiência que vivera em Caldeirão. Após sua partida, deixou orientações para a organização da comunidade, sob determinadas leis “sagradas”, e aconselhou o amigo a visitar Caldeirão, o que ele fez nos dois anos seguintes, levando gente sua.

Segundo Duarte:

As razões do prestígio do senhorinho perante os caboclos da região pode ser facilmente explicada: ele era o único membro da familia que sabia ler e uma das poucas pessoas alfabetizadas naquele meio. Todos se impressionavam profundamente pelo fato de Senhorinho ter sido criado dentro do mato e ter aprendido a ler sem ter tido escola. Era considerado por todos como “macho na leitura” e capaz de calcular qualquer distância.²⁰

A primeira pesquisadora a levantar a hipótese de que a passagem de Severino por Pau de Colher foi um fator determinante para o surgimento de um movimento religioso na região foi, mais uma vez, Pereira de Queiroz. Segundo ela, “Em suas andanças, tinha Severino estado no lugarejo Pau de Colher (...). Impressionou sobremaneira José Senhorinho; deu-lhe explicações religiosas, tornou-se seu mestre” (1965:290). Raymundo Duarte afirma que Severino esteve em solo baiano, onde manteve contato com Senhorinho, possivelmente entre 1933 e 1935,²¹ o que nos leva a crer que a gestação do movimento em “Pau de Colher” teve início, como apontam outros autores, por volta de 1934.

Em reportagem reproduzida no periódico *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 1 de fevereiro de 1938, Azevedo Marques relata o seguinte caso sobre Severino:

No trem encontro o antigo diretor da viação bahiana o qual me relata o seguinte:

‘Há cerca de dois anos, encontrei numa praça da cidade de capella um grande ajuntamento popular. Procurando investigar do que se tratava, vi ali falando ao povo, o mulato Severino, o qual se dizia ‘enviado do beato Lourenço’, substituto do Padre Cícero’.

Achava-se elle hospedado na fazenda ‘Caldeiras’, cercado das homenagens e das reverências de centenas de pessoas, muitas delas de condição social superior. O ‘beato’ Severino revelava aos circumstantes a missão que o levava àquella cidade: a de salvar todos os quantos o quizessem acompanhar.

Prophetizava uma chuva de sangue, que inundaria tudo. Falava com um certo desembaraço, se bem que usasse uma linguagem pobre e mal arranjada, revelando a sua quase completa ignorância. Tive a impressão de que o orador mal saberia, talvez, ler e escrever.

Dizia o ‘beato’ Severino que os ricos deveriam dar as suas riquezas aos pobres para encontrar a salvação. Os pobres deveriam todos reunir-se e, em romaria, seguir para junto do ‘beato’ Lourenço a fim de perseguir o anti-christo.

O meu interlocutor adiantou que mandou chamar Severino, reprehendendo-o duramente pela sua exploração da credence popular e ameaçando-o de mandar prendê-lo, caso não abandonasse immediatamente a cidade. De facto, o ‘beato Severino’ desapareceu logo após, dirigindo-se a Casa Nova.

Acredita o meu informante que esse mesmo embusteiro tenha organizado o grupo de fanáticos de Colher de Pau.²²

Vale notar que o discurso de Severino, referido na reportagem, comprova, mais uma vez, a forte apologia que o beato fazia de Caldeirão e Zé Lourenço, o que iremos encontrar também em “Pau de Colher”. A forte pregação apocalíptica, que profetizava uma “chuva de sangue”, que inundaria o sertão, e a obrigação de os ricos remediarem os

pobres, condiz com o mito milenarista (analisado mais adiante), difundido nos sertões nordestinos, de que apenas os bem-aventurados desfrutariam da paz e da felicidade do Reino dos Mil Anos, a ser inaugurado após a batalha final entre Cristo e o “Anti-christo”. A guerra entre o bem e o mal só poderia ser vencida na arena do Caldeirão, onde se encontrava Zé Lourenço, anunciador do fim dos tempos.

Sabe-se que, nos meses seguintes à passagem do beato, diversas manifestações religiosas, muitas ainda indecifradas, tomaram o cotidiano dos habitantes de Pau de Colher. Tentando compreendê-las, Maria Cristina Pompa, autora da dissertação “Memória do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher”²³ – provavelmente o trabalho mais completo sobre o caso até o momento – diz que Senhorinho, seguindo as orientações de Severino, fortaleceu sua liderança, distribuiu cargos e tratou de arregimentar seus vizinhos e familiares. As pessoas mais ligadas a ele, fosse por vínculos de parentesco ou amizade, receberam nomes especiais. *José Camilo*, seu braço direito, que viria a substituí-lo após sua morte prematura, passou a ser chamado de “meu padrinho Moisés”. O próprio Senhorinho era conhecido como “meu padrinho São José” e Ana Costa, sua mulher, era carinhosamente chamada de “minha madrinha Santa Cruz”.²⁴ Andavam todos vestidos de preto, em luto permanente pela morte de Padre Cícero, ocorrida em 1934, usando símbolos e adereços religiosos que ostentavam em seu corpo, como terços, rosários no pescoço e esfinges com figuras emblemáticas do “Patriarca do Cariri”.²⁵

Por esse tempo, Caldeirão já representava uma grande ameaça ao poder instituído, pois congregava forte apelação religiosa em torno do carismático Zé Lourenço e se tornara polo de atração para sertanejos, preocupando as classes políticas cearenses. O movimento foi dissolvido por forças militares do Estado em 1936. Aqui, há um momento de inflexão que merece destaque em nossa narrativa. Se, nos primeiros dois anos (de 1934 – data em que supomos o movimento tenha começado – até 1936), o projeto messiânico de “Pau de Colher” encontrava-se indefinido, após essa data fatídica um propósito concreto havia surgido e se imposto: o reerguimento da antiga comunidade de Caldeirão.

Baseada nessa informação, Pompa se alinha a outros pesquisadores e toma “Pau de Colher” como a etapa de um “ciclo” religioso que teve início no Caldeirão e terminaria no mesmo lugar de origem. Tanto os trabalhos anteriores como os posteriores

ao dela se baseiam na mesma linha de raciocínio, que prega uma dependência inerente de “Pau de Colher” a Caldeirão. Não encontramos nenhuma reflexão que problematizasse a relação entre as duas comunidades, um dos nossos objetivos neste trabalho, que, pensamos, possa oferecer novas possibilidades de interpretação sobre o tema.

Duarte, por exemplo, afirma que os esforços empreendidos na preparação da peregrinação dos habitantes de “Pau de Colher” ao sítio arrasado do Caldeirão tiveram impactos decisivos na trajetória de seus habitantes. Esses, aparentemente, abandonaram a pretensão de estabelecer uma organização definitiva no lugar em que viviam.²⁶ Entraram, assim, em um período que classificou de *transitoriedade* (termo também utilizado por Pereira de Queiroz e outros). A análise de Duarte parte do pressuposto de que a comunidade promoveu algo como uma fuga, uma “evasão” de um estado insatisfatório de vida, através de um ideal mítico (o retorno a Caldeirão), estabelecendo uma espécie de “suspensão” da vida cotidiana.

Esse ponto de vista é muito semelhante ao do italiano Vittorio Lanternari, autor de um clássico sobre movimentos messiânicos modernos. Segundo este autor, ocorrências como Contestado, Canudos, Juazeiro do Norte e outras possuíam um caráter “evasionista” ou “escapista”, cujos integrantes se ocupavam de “uma radical evasão da sociedade e do mundo”.²⁷ Viviam numa temporalidade “a-histórica” ou “extra-histórica”, uma concepção de tempo sagrado, contemplativa e quase inerte. Duarte, entretanto, se contradiz, ao ressaltar um dado importante que passa quase despercebido: em determinado momento, as ações dos “fanáticos”, nesse período dito “transitório”, resultaram em transformações determinantes e concretas no cotidiano, no dia a dia da comunidade, com a criação de novos padrões de comportamento – como as sessões coletivas de espancamento, voltadas para os que se recusavam a participar do grupo ou eram considerados possuídos pelo demônio. Segundo o antropólogo:

Os homicídios e a grande disposição para a luta entre os ‘fanáticos’ encontram explicação no próprio dinamismo religioso do grupo; nada mais eram do que um mecanismo de repressão e seleção. Matar os que estavam ‘virando fera’ e os que eram contra a causa significava obter maiores possibilidades e melhores dias, pois a eliminação dos maus aumentava as credenciais para os bons poderem atingir o ‘novo reino’ tão almejado: o sítio do ‘Caldeirão’.²⁸

Essa postura violenta que sucedeu na comunidade teve repercussão imediata entre as autoridades e também nos jornais de época. No dia quatro de janeiro de 1938, iniciou-se o primeiro dos ataques de um grupo de integrantes do movimento a um lugar vizinho, a fazenda da Barra, distante uma légua ao sul do povoado de Pau de Colher. Na ocasião, foram assassinados o proprietário do terreno, José Rodrigues de Souza, conhecido como Zé da Barra, seu irmão José Rubens, José Cacoisa, José Honório, Félix Carlota, Antônio Domingues, sua mãe Maria Domingues, cachorros e porcos. A mulher e os filhos de Zé da Barra foram levados à força para Pau de Colher.²⁹ O sargento e o Comandante do Destacamento Geral da Polícia Militar da Villa de Casa Nova, em telegrama ao Coronel Tito Lamego, Comandante da PM, relata:

Salvador, 25 de fevereiro de 1938

Havendo chegado ao meu conhecimento que um crescido número de indivíduos, não só deste como dos municípios vizinhos de S. Raymundo Nonato, Estado do Piauí e de Remanso, deste Estado, estavam se reunindo no dito lugar para praticar actos e cultos religiosos sob a direção de um individuo natural do Estado do Ceará, geralmente conhecido pela designação de conselheiro Severino, os quaes desde o dia 4 de janeiro, passando os limites do fanatismo religioso para o de criminalidade, estavam commetendo assassinatos, roubos, incêndios e depredações outras nas propriedades dos fazendeiros e criadores mais próximos de Pau de Colher [...].³⁰

Quatro dias depois, a oito de janeiro, outro massacre se deu no sítio de um indivíduo de nome Janjão, em Olho d'Água, no Piauí. Sabendo da aproximação dos fanáticos, ele reuniu 30 homens armados, que se entrincheiraram à espera do confronto. O resultado foi a morte de 14 pessoas, incluindo duas crianças: “na Barra trucidaram 3 homens e 1 menino; na casa de Janjão, filho de Sérgio Coelho, mataram 14 pessoas (...)”.³¹ Em outro recorte de *O Pharol*, podemos ler:

Um morador de S. José, município de Casa Nova, informou-nos que José da Barra e um irmão foram assassinados e que outros dois também tinham sido victimas da sanha dos fanáticos.

Elles perguntam aos que encontram: “Você é nosso ou de Deus?”, se respondem que são de Deus apanham barbaramente até ficarem sem vida!³²

Com seus “cacetes” sagrados – grandes varapaus de madeira, marcados com uma cruz dupla – os sertanejos invadiam povoados vizinhos e persuadiam seus moradores a aderirem ao movimento, e quem não o fizesse era espancado, como forma

de punição divina. Os “caceteiros”, como ficaram conhecidos, acreditavam estar expulsando o demônio dos espíritos impuros e, por consequência, promovendo a justiça divina. Essas ações eram como “técnicas” de orientação para a consagração do cosmos, para construção de um espaço sagrado. Esse *homo religiosus*³³ em estado bruto parecia conter “todos os atributos essenciais e necessários para o entendimento do sentido e da importância da manifestação do sagrado na vida social”.³⁴

Tendo por base essas informações, chegamos a uma hipótese que difere radicalmente dos trabalhos que nos presederam: a formalização do compromisso do indivíduo na troca direta com a divindade – nesse caso, assentada em princípios violentos e coercitivos – é uma demonstração clara de que novos significados religiosos foram criados, novos modelos de ação foram pensados e uma dinâmica muito própria e particular teve lugar no reduto. Paradoxalmente, foi durante o período “transitório” – termo discutível – que se deu o momento mais rico, autônomo, vivo e pulsante da comunidade, em que se estabeleceu de fato uma permuta definitiva e permanente (já que estamos lidando com sacrifício de vidas humanas) entre o mundo dos homens e o universo santificado.

Não foi, portanto, como tantos fizeram crer, apenas um “estágio” ou uma “etapa” transitória de um movimento maior, iniciado no Caldeirão. Os habitantes de Pau de Colher se empenharam, sim, na reconstrução da comunidade de Zé Lourenço, seu objetivo último, por assim dizer. Mas, ao longo de sua trajetória para alcançá-lo, criou novas e importantes interpretações acerca do sagrado e provou que o desejo de retorno a Caldeirão era motivação suficiente para uma vivência messiânica. Lá se dariam a volta do Messias e a instauração do milênio, num lugar de terra batida, devastado, marcado pelo sofrimento das pessoas que foram massacradas, mas real, palpável, vivo e concreto. Era esse, enfim, o ideal messiânico da comunidade – algo absolutamente inovador.

MESSIANISMO, MILENARISMO E CATOLICISMO (POPULAR)

As ações dos moradores de “Pau de Colher”, captadas por olhares específicos, nos remetem a uma discussão sobre a natureza dos movimentos messiânicos e milenaristas. Se a ideia central dos habitantes de “Pau de Colher” era reconstruir Caldeirão, subentende-se que o reino milenário, em que o Messias retornaria, se daria na terra e não nos céus. O historiador Hans Kohn, precursor, ao traçar, na década de 30,

uma síntese da ideia do messianismo em uma respeitável Enciclopédia Internacional de Ciências Sociais,³⁵ também crê que o messianismo seria uma “força prática viva” e atuante naquele mundo. Originária da doutrina judaica do *Messiah* (do hebraico *māshiah*), a volta do Messias poderia ser explicada pela “consciência histórica” do povo judeu, que projetaria, num tempo de fluxo e duração contínuos, mas nunca extraterrenos, o retorno do reino de David e o triunfo do povo de Israel. Pelo lado cristão, a pregação de Jesus também serve a Kohn para determinar a expressão de um messianismo que sobreviveu ao longo dos séculos no imaginário de seitas heréticas, que difundiram a convicção do segundo advento de Cristo, baseadas nas *Revelações de São João*.

Já nos anos 60, Talmon Yonina, sociólogo e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, segue um caminho semelhante para aclarar a manifestação do milenarismo (*milenismo* ou *quiliasmo*), mas enseja uma explicação mais profunda.³⁶ Seguindo seu raciocínio, o fenômeno do advento dos mil anos se dá pela existência de uma concepção histórica e outra não histórica do tempo judaico. O Milênio assume, por um lado, uma dimensão transcendental (expectativas escatológicas), e, por outro, uma orientação para o mundo real (“terrestrial”, “this-worldly orientation”), ou seja, os meios para alcançá-la de fato. Isso, em seu ponto de vista, levaria os milenaristas a abandonarem alguns rituais na esfera religiosa e a renunciarem, na esfera secular, às atividades econômicas, à participação política e, em último caso, à ordem social vigente, incompatível com a expectativa do fim do mundo, algo muito semelhante ao que aconteceu em Pau de Colher.

Indubitavelmente, entre os textos de mesma natureza que os apresentados nos parágrafos anteriores, são os da Enciclopédia Einaudi,³⁷ os mais completos sobre o tema. No verbete sobre o messianismo, o autor, que não conseguimos identificar, recupera a noção de coexistência simultânea de duas visões de mundo distintas (histórica e mítica) e avança ao considerar que a ideia messiânica do judaísmo/cristianismo foi capaz de inserir a História (entendida como a ordem humana existente no mundo) no conjunto do simbolismo mítico/ritual da realização escatológica.

Essa concepção do porvir representou uma grande inovação no pensamento da história mundial, até então marcada por uma representação do tempo, característica das

sociedades tradicionais primitivas e da antiguidade. A imagem dominante era de um presente/passado, tratado como experiência vivida e cíclica. “Apenas no filão monoteísta judaico-cristão se instaura essa *continuidade* evolutiva, ideológica e semântica, que faz do presente a pré-condição do *eskhaton*” (V. L., 1994:286-287), afirma o autor.

O texto identifica no messianismo um evento a se “verificar na história do mundo” e um “tipo original de representação do tempo, destinada a influenciar profundamente todo o curso do pensamento não só religioso, mas laico ocidental” (p. 281). Dito de outra forma, a força e a perenidade desses movimentos só existem quando relacionadas a eventos históricos que os envolvam.

Já em sua análise sobre o milenarismo, o mesmo autor distingue duas formas complementares e recorrentes em seu desenvolvimento histórico: uma revolucionária e outra místico/ascética. Ambas, com origem no profetismo hebraico, podem ser encontradas também no cristianismo milenarista, centrado na doutrina da *parusia*, isto é, no segundo advento de Cristo, que se daria após os mil anos de felicidade e perfeição na terra. A exegese literal do credo refletia, segundo o autor, uma visão materialista, “a expressão de uma ideologia radical, virada para a destruição da ordem social existente” (p. 306). A interpretação alegórica, por seu termo, acentuaria uma atitude focada na resignação consoladora.

O texto estabelece uma relação entre a denominação do milenarismo e o tempo em que sua interpretação foi produzida. A primeira versão, também conhecida como milenarismo “asiático”, surgiu concomitantemente à escritura do Apocalipse de S. João. Na década de 60 do século XX, como não poderia ser diferente, estudiosos a interpretaram como uma espécie de ideologia “pré-milenarista”, carregada de potencial revolucionário, manifestado em movimentos populares do Ocidente Cristão e em povos oprimidos do Terceiro Mundo. Diferenciava-se da outra vertente interpretativa, elaborada nos primeiros dois séculos, conhecida como milenarismo “siríaco-egípcio”, um evento que se verificaria “não no espaço e no tempo, mas tão-somente nas almas dos crentes” (p. 307). Essa segunda vertente, entendida como uma doutrina “pós-milenarista”, foi obra realizada conforme as exigências da Igreja, que se instituiu e confirmava os mil anos como acontecimento imediato ao nascimento do próprio

cristianismo, a se realizar plenamente dentro da estrutura eclesiástica e na consciência dos fiéis.

O milenarismo característico dos movimentos messiânicos, tais como “Pau de Colher”, seria, de acordo com essa investigação, produto de uma “expressão heterodoxa de religiosidade popular”, que se formou em franca oposição à tradição teológica oficial, muito embora tenhamos severas ressalvas quanto ao caráter “anticonservador, propulsivo e até explosivo”,³⁸ que não se constata em diversas manifestações, incluindo nosso objeto de estudo.

A literatura sobre messianismos e milenarismos na época medieval é extensa e muito rica,³⁹ mas não pretendemos utilizá-la neste ensaio, pois foge de seus objetivos centrais. Aqui no Brasil, o messianismo só angariou, de fato, “direito de cidadania nos estudos sociológicos” com Pereira de Queiroz.⁴⁰ Seu estudo clássico se tornou referência para o entendimento desses fenômenos, ao lado dos trabalhos pioneiros de Anita Novinsky.⁴¹ Podemos afirmar que a categoria moderna de messianismo,⁴² que encontramos nos trabalhos brasileiros, se descolou de sua origem etimológica, oriunda do filão monoteísta judaico/cristão, e incorporou um significado genérico em torno da crença na vinda de um “Redentor que porá fim à ordem atual das coisas, quer seja de maneira universal ou por meio de um grupo isolado, e que instaurará uma nova ordem feita de justiça e felicidade”.⁴³ De forma semelhante, o termo milenarismo⁴⁴ tomou, por convicção, na contemporaneidade, a crença universal de que Cristo estabelecerá um reino de paz e harmonia, que perdurará por mil anos, antes (pré) ou depois (pós) de sua ressurreição (o segundo advento).⁴⁵

No entanto, para o completo entendimento das matrizes dos movimentos messiânicos brasileiros, incluindo, aqui, “Pau de Colher”, devemos retornar ao período colonial, sobretudo aos séculos XVII e XVIII. Essas manifestações, que tiveram seu ápice no Brasil entre a segunda metade do século XIX e a primeira do XX, teriam ocorrido em um meio social permeado pelo que alguns estudiosos classificaram de *catolicismo popular*, termo polêmico que, supostamente, traduziria o resultado do contato entre o *catolicismo tradicional e oficial* – ligado às raízes ibéricas e trazido ao Brasil inicialmente pelos jesuítas – e as variadas formas de releitura, reinterpretação, vivência e tradução, advindas do encontro entre os missionários portugueses e as

populações africanas e ameríndias, especialmente os Tapuia e os Tupinambá, como bem colocou Cristina Pompa.⁴⁶

Essa definição de “popular” – que se aproxima muito do “rústico” – possui origens bem definidas em diversos estudos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Entre eles, os trabalhos clássicos de Roger Bastide e Gilberto Freyre se destacam. Bastide aponta para uma civilização e uma religião africanas, que só subsistiram à investida do catolicismo, com ele se “sincretizando” na sociedade colonial escravista.⁴⁷ Freyre, por sua vez, diferenciou uma religião oficial, clerical e ortodoxa, ligada às ordens religiosas, e outra festiva e popular, praticada, sobretudo, no âmbito familiar.⁴⁸ Em suas palavras, esse cristianismo lírico, “amaciado pelo contato com o maometano”, ainda na primitiva Ibéria, era possuidor de uma liturgia antes social do que religiosa, ligada mais ao culto de família do que à Catedral ou à Igreja.⁴⁹ Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, também fala de uma religiosidade intimista e fraterna, que, aqui, ao contrário dos países protestantes, tem um “rigorismo do rito que se afrouxa e humaniza”, que corrompe o nosso sentimento religioso.⁵⁰

Outra “escola” importante foi a formada por um grupo de teólogos e especialistas, inspirados pelo movimento progressista da Teologia da Libertação e pelo espírito criado no Concílio Vaticano II,⁵¹ que tentou escrever uma nova História da Igreja na América Latina através da produção de “ensaios de interpretação a partir do povo”.⁵² Entre eles, Riolando Azzi faz uma análise importante dos espaços destinados aos cultos religiosos nos sertões brasileiros. Recorda que, desde o início da colonização, cruzeiros foram plantados ao longo do território brasileiro e serviram como ponto de oração e devoção. Depois, surgiram os oratórios, conservados nas casas de maior prestígio de comunidades rurais ou urbanas, diante dos quais eram realizados casamentos e batizados de família. Em um momento posterior, apareceram as ermidas, espécie de capelas primitivas, geralmente erguidas por iniciativa de particulares e onde eram promovidos cultos não litúrgicos⁵³. O autor ainda diz que, “com freqüência, a devoção popular junto à ermida crescia tanto que os fiéis decidiram organizar-se em irmandade religiosa, para assumir a responsabilidade de manter o culto na ermida”.⁵⁴ Essa tradição, que perpassou séculos, é observada em Pau de Colher, a partir da iniciativa de Senhorinho em transformar seu sítio em uma capela de oração. Conforme juntou farto número de fiéis, decidiu organizar uma “irmandade”, sem pedir autorização

oficial a nenhum representante da igreja católica para dar início às celebrações religiosas.

Nesta primeira parte do texto, analisamos a gestação do movimento de Pau de Colher, a partir de elementos específicos, como a trajetória do beato Severino Tavares, e aprofundamos a investigação sobre a natureza do mito messiânico que tomou corpo entre seus membros. Outras questões, imprescindíveis para o entendimento do caso em pauta, tais como o despontar de uma liderança carismática e popular, que se expressou através da incorporação de santos católicos, como São José e Santa Maria, assim como o papel da Igreja em relação aos acontecimentos, entre outros assuntos, serão tema de artigo posterior.

FANÁTICOS OU SUBVERSIVOS?

A caracterização das circunstâncias históricas específicas que acompanharam o movimento foi um fator ausente em todos os estudos que identificamos sobre o tema, até o momento. Rara exceção foi o trabalho Gregg Narber, do Luther College (Iowa – EUA), apresentado no XXVIII Congresso Internacional da LASA, em 2009,⁵⁵ que, embora proponha uma abordagem inovadora, carece de uma análise mais abrangente e detalhada. Situamos Pau de Colher dentro de um recorte cronológico previamente estabelecido e inserido no período do Governo Vargas (1930-1945), especificamente na transição da interventoria baiana do Tenente Juraci Montenegro Magalhães (1905-2001) para a do Coronel Antonio Fernandes Dantas (1881-1956), um dos incentivadores da repressão à comunidade, época em que os debates em torno da centralização política e administrativa, do monopólio da violência pelo Estado, da supressão das liberdades e dos direitos civis e do caráter autoritário de nossas tradições políticas estavam em pauta. É o que abordaremos, de forma sucinta, nos parágrafos seguintes.

Os acontecimentos em Pau de Colher transcorreram em uma época extremamente conturbada da vida nacional. Estava em marcha a centralização política, imposta pelos vitoriosos da Revolução de outubro de 1930, que afetaria as relações de poder de todos os estados da federação, em especial a Bahia. As tropas vitoriosas do Norte, sob a chefia do Tenente Juarez Távora, Comandante Militar do *Movimento Revolucionário do Norte e Nordeste*, chegaram a Salvador com a promessa de alijar do poder muitos dos “coronéis” contrários a ele. O Governo Provisório (1930-1934)

baixou, em dezembro de 1930, um decreto criando a “Delegacia do Norte” (englobando os Estados do Amazonas ao da Bahia) e nomeando Juarez Távora como delegado militar e representante dos mesmos.⁵⁶ Conhecido como “Vice-rei do Norte”, Juarez foi figura de destaque do novo governo, e responsável por promover mudanças significativas nas recém-criadas “Interventorias Estaduais”.

As Interventorias eram valiosos instrumentos de centralização política e administrativa, imposta pelo Governo Federal. Foram estabelecidas algumas convenções para a escolha dos interventores, que deveriam ser “estrangeiros”, “militares” e politicamente “neutros”. Se, por um lado, o fato de o escolhido ser necessariamente de uma região diferente da que foi selecionado para governar, permitiu sua desvinculação das oligarquias tradicionais, por outro, dificultou a formação de alianças políticas em alguns Estados em que, como no caso baiano, as condições objetivas de negociação dependiam diretamente do mando pessoal desses mesmos oligarcas.

Os Estados do Norte e do Nordeste representaram uma ampla camada de apoio a Getúlio Vargas durante o processo revolucionário.⁵⁷ O novo regime foi hábil ao elaborar um projeto de governo baseado em um *Estado de Compromisso*,⁵⁸ ou seja, uma diretiva política posta em prática por vários interventores nomeados por Vargas. Essa forma de governança se caracterizaria, *grosso modo*, por uma abertura para diversas estruturas e atores de pressão política, sem que isso, necessariamente, representasse uma subordinação a qualquer uma delas. Era uma forma de permitir certas concessões, mas sem abrir mão do objetivo principal: a centralização político-administrativa.

Essa política baseada no compromisso foi emblemática no caso baiano. Após um ano de tentativas infrutíferas e mais de três nomeações para a Interventoria local, que não vingaram, Juarez Távora convidou o jovem Tenente cearense Juraci Montenegro Magalhães (1905-2001) para ser Interventor Federal do Estado, tomando posse no final de 1931. Juraci foi, sem dúvida, o que mais se distanciou do radicalismo tenentista e optou pela conciliação com os setores oligárquicos. Mas isso não se deu de forma homogênea. Era considerado “forasteiro” e teve, desde o início, muitas dificuldades para construir alianças. Logo percebeu que os chefes políticos da capital Salvador não lhe dariam apoio algum, fazendo com que optasse por construir sua base de sustentação

no interior, procurando as lideranças municipais para arregimentar uma maioria que facilitasse a atuação de seu governo.⁵⁹ Em depoimento, ele diz:

O que fiz, na realidade, foi aproveitar os elementos válidos de cada municipalidade para criar uma sólida base política e assegurar a continuidade revolucionária. Além disso, dei autonomia política às chefias locais, eliminando intermediários [...] para tratar dos problemas diretamente com os pequenos chefes municipais, que passaram a me manifestar suas preferências [...] de modo a estabelecer nossa vinculação em bases absolutamente democráticas e reais⁶⁰.

A administração desse apoio exigiu do interventor uma ampla coligação com os chefes políticos locais e, entre essas, a que mais nos interessou foi a estabelecida em Juazeiro do Norte com o Coronel Franklin Lins de Albuquerque, do município de Pilão Arcado, e que abrangia mais outras 20 cidades, entre elas, Casa Nova. Sobre esse assunto específico, Magalhães não poderia ter sido mais claro:

Sempre tive em Casa Nova meu maior sustentáculo político [...]. Quando chegavam os resultados das eleições, eu obtinha lá uma votação espetacular, não sobrando mais do que cinco ou seis por cento do eleitorado para os adversários. [...] eu era senhor quase absoluto dos pleitos.⁶¹

Casa Nova era conhecida pela tradição pacifista que cultivava, diferentemente dos sangrentos embates políticos que ocorriam em outros municípios, como Remanso, Xique-xique e Pilão Arcado. Fundado como distrito de Riacho de Casa Nova, na primeira metade do século XIX, pelo então Capitão e depois Coronel da Guarda Nacional, José Manuel Viana, foi desmembrado da cidade de Remanso de Pilão Arcado (atual Remanso) e registrado como município de São José do Riacho de Casa Nova, recebendo seu atual nome reduzido, por decreto, apenas em 1931.⁶² Até então, nos anos 30, o domínio da família Viana era ameaçado apenas pelos irmãos Osório e Sátiro Araújo, que possuíam inexpressivo prestígio popular e eram conhecidos pela alcunha de “Os Araújo”. À época da Revolução, o prefeito de Casa Nova era Antônio Honorato de Castro, cunhado de Adolfo Viana (filho do velho Manoel Viana). Com a ascensão de Vargas ao poder e a perspectiva de uma investida contra as oligarquias que não caminharam junto à Revolução, a oposição dos Araújo enxergou uma oportunidade inédita. Os ataques que partiram da imprensa de Juazeiro, o novo centro propagador da

Revolução no nordeste,⁶³ não demoraram a surtir efeito. Com a campanha vitoriosa, Sátiro Araújo é nomeado prefeito do município.

A glória, no entanto, foi efêmera. A Revolução de 1932 forçou o governo a promover a constitucionalização do país. Mais uma vez, Juarez Távora foi incumbido de organizar a formação de partidos estaduais, que resguardassem os interesses do governo federal e garantissem uma maioria na Assembleia Constituinte, que estava por vir. Na Bahia, Juraci Magalhães criou, em 1933, o Partido Social Democrático (PSD), para o qual, em uma hábil manobra política, congregou vários políticos depostos pela Revolução de 30, entre esses, os representantes da família Viana, que agora corriam ao novo aceno de Magalhães. Prometeu levá-los de volta ao poder e não mais interferir em seus interesses locais.

Nesse sentido, a interventoria de Magalhães foi, de longe, a mais pragmática de todas que formaram o “Vice-reinado do Norte”. Se, por um lado, a Revolução se apoiou nas amplas camadas médias urbanas que desejavam maior participação política, os desejos dos coronéis marginalizados pelas oligarquias dominantes não podiam ser desprezados para obtenção de apoio. Conciliar esses dois interesses só seria possível dentro dos moldes tradicionais da velha política baiana, o que Magalhães implementou com sucesso, a despeito de ter parecido para alguns uma verdadeira traição aos princípios tenentistas.⁶⁴

Em outubro de 1937, com o golpe do Estado Novo, Juraci Magalhães decide renunciar ao governo do Estado. Já fazia tempo vinha sofrendo ataques de opositores, que o acusavam de compactuar com os comunistas ou, no mínimo, de ser conivente com eles, apesar de sua dura campanha contra a ANL (Aliança Nacional Libertadora) e a AIB (Ação Integralista Brasileira). Tudo indica que essa suspeita estivesse ligada ao fato de um grande amigo seu, Agildo Barata, ter participado do levante comunista de 1935.⁶⁵ Levantamos também a hipótese de que a política implementada por Juraci desagradou aos setores mais radicais do Movimento Tenentista e se mostrou pouco receptiva às diretrizes práticas formuladas por teóricos do Estado Novo, como Oliveira Vianna, Alberto Torres, Francisco Campos, Azevedo do Amaral e outros. À luz de seus ensaios, é perceptível a incompatibilidade da visão de excepcionalidade que Juraci tinha do governo Vargas, com o desejo de manutenção de um “caráter permanentemente autoritário”⁶⁶ do regime, que, do ponto de vista desses intelectuais, não era apenas um

mal necessário e passageiro, mas, sim, o resultado de um acúmulo de aspectos socioeconômicos antiliberais, inerentes à nossa formação política.

Azevedo reitera que a constitucionalização do país não foi capaz de tirar a massa do eleitorado do jugo das oligarquias regionais. Tínhamos nada mais que uma “caricatura de um sistema representativo”, mantido por Juraci Magalhães, valorizado por seu governo, que sempre estendia as mãos a velhos chefes políticos, para garantir a governabilidade. O executivo baiano parece não ter cedido às pressões do círculo tenentista que desejava um regime francamente ditatorial. O resultado foi forte autonomia municipal e estadual, que nada agradava ao governo central.

Uma das mais fortes crenças dos políticos militantes é que a autonomia estadual é uma das colunas de nossa organização constitucional; o zelo por ela é virtude teológica, para os políticos. Teme-se a intervenção e a autoridade da União como se esta fosse o gênio mal da vida política do país [protesta Torres] (TORRES, 1938:162).

Com tamanha falta de identidade e harmonia, Juraci Magalhães não se sustentou no governo.

Sendo assim, foi nomeado, ainda em outubro, como Interventor Interino o Coronel Antonio Fernandes Dantas (1881-1956), que acumulava o cargo de Comandante da 6ª Região Militar em Salvador e Executor do Estado de Guerra na Bahia. Com a entrada de Dantas, houve uma nova rearticulação das forças políticas a nível municipal. Se antes, como mencionado, Magalhães aproveitou a constitucionalização do país para reagrupar as forças alijadas do poder pela Revolução de 30, agora um movimento contrário estava em andamento.

Era preciso varrer da vida política partidária baiana os prefeitos que permaneciam fiéis ao grupo ligado a Juraci Magalhães. Em Casa Nova, o prefeito era Raymundo Santos, político próximo aos Viana e amigo pessoal do jornalista Jerônimo Sodré Viana, que, a despeito de ser membro da tradicional família, também fazia parte da ANL, sendo, portanto, tratado como um radical de esquerda. Logo, começou a ser dito que não apenas a prefeitura estava tomada por comunistas, como também Sodré deveria ser um dos principais mentores do movimento de Pau de Colher. “Um novo Canudos, em perspectiva, em nossas fronteiras ou uma agitação vermelha?”, perguntava

o jornal *O Pharol*, de 11 de janeiro de 1938. *O Povo* também estampava em matéria de capa:

Um Comunista entre os fanáticos! Os celerados recebiam armas modernas – engroçavam suas fileiras com moradores das margens do São Francisco. Foi confirmado que os fanáticos recebiam armas modernas de pessoas residentes à margem do São Francisco, bem como o extremista Sodré Viana se acha entre os celerados.⁶⁷

A situação que se configurou, a partir desta constatação, reproduzida em diversos meios de comunicação, serviu a dois propósitos: eliminar a família Viana do poder casa-novense e fundamentar um ataque a Pau de Colher, que, àquela altura, já contava com mais de mil integrantes.

Como se verá adiante com mais detalhes, no dia 19 de janeiro de 1938, tropas pernambucanas, lideradas pelo Capitão Optato Gueiros, atacaram a comunidade. No dia 20, chegava à Casa Nova o Esquadrão Motorizado da polícia baiana, sob o comando do Capitão Maurino Cezimbra Tavares. O Esquadrão, assim como outras forças policiais e militares que se haviam reunido em Juazeiro para elaborar o plano de intervenção em Pau de Colher, manteve contato com o clã “Araújo”, exilado na cidade, e adversário político da situação dominante em Casa Nova. Ao chegar a terras casa-novenses, portanto, já municiado das informações necessárias, o Capitão Tavares prendeu não apenas o prefeito, mas também Antonio Honorato (ex-chefe político, pai adotivo de Sodré Viana), Antunes Bacelar (ex-delegado do município) e o próprio Sodré, sob a acusação de terem sido os ideólogos do movimento de Pau de Colher, que, como suspeitavam, tinha tendências marxistas. Eram apenas suspeitas, não comprovadas, mas que serviam aos seus objetivos. Em um documento de autoria anônima, pode-se ler:

O coronel Antonio Honorato, o prefeito Raimundo Santos e o ex-delegado Antunes Bacelar foram detidos depois de prolongado interrogatório. À tarde embarcaram para a capital a margem direita do São Francisco. A essa altura dos acontecimentos Casa Nova já era considerada uma célula comunista [...].⁶⁸

Em relatório de operações militares, o Capitão Tavares diz:

Tendo ao chegar em Juazeiro recebido denúncias de que o movimento de Pau de Colher, obedecia à orientação intelectual de Jerônimo Sodré Vianna, acusado de defender e propagar idéias marxistas, e que estava homiziado em uma fazenda do senhor Raymundo Santos, então

prefeito deste município (...) estava na obrigação de levar o fato ao vosso conhecimento, a fim de que, se verdadeiras fossem as acusações contra esses senhores, a ação das forças que teriam de operar naquela região não fossem dificultadas por questões de ordem partidária.⁶⁹

Ainda mais adiante, ao se referir às informações que forneceu ao Secretário de Segurança Pública, Tavares transcreve uma ordem emitida por rádio, em que releva a participação dos irmãos “Araújo” na articulação das prisões em Casa Nova:

Cidadãos ali presos declararam-me pessoalmente que tinham conhecimento concentração fanáticos Pau-de-Colher vinha se processando há muito tempo sem que tomassem nenhuma providência anteriormente pt Motivo ser Sodré Viana filho adotivo senhor Antônio Honorato determinou que este e as autoridades locais facilitassem-lhe livre transito por todo município de Casa Nova até limite Estado Piauí em propaganda idéias comunistas auxiliado sua esposa pt Doutores João e José Araújo vg moradores esta cidade vg prontificaram-se esclarecer perante polícia aí situação envolve suspeita cidadãos presos pt. saudações pt.⁷⁰

Mais do que uma conspiração comunista, o movimento de “Pau de Colher” foi tratado, naquele momento, como um polo de resistência ao Estado Novo. Cordeiro Neto, Secretário de Segurança Pública, ao dar explicações sobre os acontecimentos em uma palestra aos “Diários Associados”, fez a seguinte declaração:

Parece que os componentes do reducto de Casa Nova não eram exclusivamente sectários do “Beato” Lourenço. Estamos na suspeição de que os agrupamentos daquele município bahiano eram compostos de conhecidos perturbadores da ordem social, de aproveitadores e agitadores profissionaes e, enfim, de gente descontente com a implantação do Estado Novo.⁷¹

Em nenhum momento foi comprovada a existência de militantes marxistas em Pau de Colher, ou mesmo a propalada influência de Sodré Viana entre os fiéis. Tanto que não temos notícia de que este se tenha oposto ao então prefeito e seu amigo, Raimundo Santos, que enviou a primeira expedição à comunidade em 10 de janeiro de 1938. Os agentes religiosos viram-se, sem dúvida, em meio a uma conturbada luta política, que se pulverizava por todos os municípios do Estado da Bahia. E o movimento de Pau de Colher, aos olhos das autoridades repressoras, tornou-se a desculpa ideal para culpabilizar grupos políticos adversários, que não marcharam junto às tropas estadonovistas.

BARBÁRIE NOS SERTÕES

Desde os primeiros boatos em torno da concentração de “fanáticos” em Pau de Colher, ainda em 1936, as principais autoridades do município vinham pedindo ajuda ao governo do Estado. Sem nenhum retorno, o Prefeito de Casa Nova, Raimundo Santos, resolveu organizar a primeira expedição contra o reduto, formada por quatro praças da polícia militar e 30 civis, sob o comando do Terceiro-Sargento Geraldo Bispo dos Santos. Em 10 de janeiro de 1938 a volante alcançou Pau de Colher, numa primeira tentativa de dissuasão que terminou em grave confronto, em que morreram dois soldados e quatro civis. No entanto, a perda do lado dos “caceteiros” foi mais significativa. Além de Ângelo Cabaça e João Damásio, tidos como “subchefes” do movimento, e de um importante colaborador, o comerciante Pedro Benvenuto, também morreu Zé Senhorinho, gerando grande consternação em toda a comunidade.

Talvez o maior impacto dessa primeira ofensiva tenha sido a interrupção dos preparativos para a viagem de volta a Caldeirão. A suspeita de que mais soldados pudessem voltar à comunidade fez com que os integrantes de Pau de Colher reconsiderassem o plano, e procurassem, agora, defender suas terras. As consequências dessa decisão não serão analisadas neste texto.

O Capitão Cordeiro Neto fora enviado ao município, no final de janeiro de 1938, para coligir informações para as autoridades estaduais sobre o confronto. Após uma viagem de dois dias, concedeu uma entrevista a um jornal, em que relata como se deu esse primeiro confronto:

- Como se iniciaram os acontecimentos? Foi essa pergunta que fizemos ao nosso entrevistado. Eis a resposta:
- Os sucessivos acontecimentos tiveram início em Páo Colher, município bahiano de Casa Nova. Tendo conhecimento de que um grupo de fanáticos se encontrava ali, o sargento destacado daquele distrito achou por bem fazê-los debandar. Disso se incumbiu pessoalmente referido militar, que se fez acompanhar de uma reduzida tropa. Foi esse o primeiro encontro de que temos notícia.
- E a sorte dessa tropa? Inquirimos - “massacrada a pau”, responderam o capitão Cordeiro Neto.⁷²

As notícias trazidas pelos sobreviventes do primeiro ataque eram preocupantes. Falava-se em mais de mil pessoas agrupadas na fazenda do falecido Senhorinho e

preparadas para invadir Casa Nova, em menos de 48 horas. Autoridades estaduais e federais se mobilizaram e, em um inédito esforço conjunto, reuniram tropas policiais e militares de três estados distintos. Era a formação do “Destacamento do Vale do São Francisco”, que englobava: Secção de Metralhadoras do 28º BC de Aracaju (SE), sob o comando do Coronel Augusto Maynard Gomes (ex-interventor e ex-governador de Sergipe); 2ª Companhia de Fuzileiros do 19º BC de Salvador (BA), sob o comando do Capitão João Perouse Pontes; Esquadrão Motorizado da PM da Bahia, sob o comando do Capitão Maurino Cezimbra Tavares; Companhia de Fuzileiros da PM baiana, sob o comando do Tenente Zacarias Justiniano dos Santos; Brigada Militar de Pernambuco, sob o comando do Capitão Optato Gueiros (Delegado Regional de Petrolina) e o Contingente da Força Pública do Piauí, sob o comando do Capitão da Polícia Militar piauiense, Benedito Alves da Cruz.⁷³

A cidade de Juazeiro foi escolhida para ser a sede do comando supremo das Forças do Destacamento. O plano inicial era cercar o local, interceptar mananciais, interromper as linhas de suprimentos e evacuar mulheres e crianças, para a preparação de um ataque organizado, caso os “caceteiros” não se entregassem pacificamente. No entanto, o que se viu foi um massacre executado pela Brigada Militar de Pernambuco, comandada pelo Capitão Optato Gueiros, que lançou uma ofensiva antes do restante do Destacamento. Em relatório enviado à Secretaria de Segurança Pública, divulgado no *Diário de Pernambuco*, em 8 de fevereiro de 1938, Optato destaca algumas razões para a incursão:

Tendo recebido ordens dessa secretaria para agir com as demais tropas que tinham a incumbência de reprimir os bandidos e fanáticos, que depredavam nos limites de 3 estados – Bahia, Pernambuco e Piauí, ocupei a Villa de Afrânio, onde aguardava ordens de avanço.

Achei conveniente o meu deslocamento para outro ponto, em virtude da falta d'agua na referida localidade, para o que fiz a devida comunicação ao commandante da tropa em operação nesta zona, aproximando-me mais das fronteiras, o que me facultaria melhores dados da frente, para aboa orientação das operações.

No dia 18 recebi ordens para capturar alguns dos elementos mais avançados do inimigo, o que muito concorreria para facilitar a operação.

Ao aproximar-me, porém, do reducto de Pau de Colher fui informado da tremenda chacina de famílias inteiras praticada pelos fanáticos referidos. [...] planejei um ataque ao reducto, em virtude de não me convir um recuo do local onde já me encontrava.⁷⁴

No dia 19 de janeiro de 1938, às 10 horas da manhã, Pau de Colher foi brutalmente atacada, sucedendo-se um conflito que perdurou por dois dias e duas noites, deixando por volta de 400 vítimas fatais, entre homens, mulheres e crianças. Ainda segundo o relatório de Optato:

No dia 19 penetrei na densa caatinga, deixando na retaguarda os inimigos entrancheirados, sem que pudessem suspeitar da presença da tropa. As 10 horas do mesmo dia houve o primeiro choque que degenerou em luta corporal, depois que iniciei o cerco e a tomada das águas. [...] Durante 42 horas de combate não deixei de convidá-los à rendição [...] a resposta, porém, era sempre negativa e, em gritos, declaravam que não se entregariam e que tinham o prazer de morrer, em virtude de contarem com a salvação da alma.⁷⁵

Após a barbárie, que terminou às 6 da manhã do dia 21 de janeiro de 1938, alguns “caceteiros” conseguiram fugir para a caatinga e se reorganizaram em pequenos grupos, espalhados pela região. Os remanescentes foram caçados pela Companhia de Fuzileiros da Polícia Militar da Bahia, sob o comando do Tenente Zacarias Justiniano dos Santos, que chegou ao local dos conflitos naquele mesmo dia. O último foco de resistência, portanto, caiu em 12 de fevereiro de 1938, com a prisão de José Camilo, único membro da liderança que sobreviveu.

Uma das poucas vozes a condenar a barbárie cometida contra a população do lugarejo, o jornalista e escritor pernambucano Austregésilo de Ataíde (1898-1993), publicou um artigo no *Estado da Bahia*, edição de 28 de janeiro de 1938, que merece destaque:

Volto a comentar o cangaço e o beatismo nos sertões do Nordeste. Mais uma vez para protestar [...] contra os métodos bárbaros usados pelos governos daquelas regiões [...]. Basta atentar no telegrama em que um capitão da policia celebra a sua vitima, sobre os fanáticos do beato Lourenço, para sentir a revolta que empolgou Euclides da Cunha, ao fechar Os Sertões. Não me entusiasma o triunfo horrendo daquele capitão que tomou um reduto de fanáticos, matando 140 brasileiros. Uma verdadeira hecatombe. [...] Houve uma chacina covarde que depõe contra a civilização do país. Se eu fosse governo, o capitão responderia diante da justiça pela sua cruel vitória. [...] As forças policiais nordestinas praticam nas suas expedições crimes horripilantes e tornam-se, por isso, mas temidas que os cangaceiros. [...] não há o que esperar das policias estaduais, em regra compostas de elementos perniciosos, senão carnificinas brutais e inúteis como esta que acaba de verificar-se no reduto do beato Lourenço.⁷⁶

Austregésilo não era governo e não puniu os responsáveis pela matança. A repressão contribuiu para envolver o episódio em uma bruma de mistério e esquecimento. Por outro lado, também nos legou importantes fontes para o seu entendimento, visto que movimentos religiosos dessa natureza raramente deixam registros escritos ou iconográficos. Através desses vestígios, é possível construirmos hipóteses quanto à natureza da religiosidade difundida na comunidade e apontar as semelhanças com outros messianismos brasileiros. Não menos importante foi seu impacto político, que, analisado dentro do contexto de centralização política e administrativa do Governo Vargas, se confunde com os conflitos intraoligárquicos, típicos do interior da Bahia e acentuados pelo movimento revolucionário de 30.

“Pau de Colher” ocorreu na época áurea do messianismo, entre o final do século XIX e a primeira metade do XX. Geralmente tratado como um movimento messiânico de pequena escala, sua dimensão regional é essencial para o entendimento da realidade política e cultural brasileira da primeira metade dos anos 30. Senhorinho e seus fiéis devotos despertaram fascínio e medo, pois apresentavam a interlocutores externos uma realidade complexa, que assentava raízes no processo de colonização e no sincretismo de símbolos e culturas católicas com outras religiosidades.

NO ALTO: o tenente Zacharias, comandante da Cia. de Fuzileiros e o novo representante, na Fazenda Aguar Bellas, no cantinho da Serra do Campo Alegre. Um grupo de fuzileiros prisioneiros, entrando em Casa Nova. EM BAIXO: fuzileiros presos, entrando em Casa Nova, vindo-se à cavalo Pedro Costa, irmão do José Camillo, ferido num combate e um menor fuzileiro em companhia do soldado Miguel, coiteiro da Cia. de Fuzileiros

Pau de Coíher um pequeno Canudos

Uma tragica coincidência — Negando Enclides da Cunha — Homens trabalhadores transformados em feras — Siborinhô, o "São José" e sua mulher a "Santa Cruz" — As primeiras victimas — A insanias se transforma em tragedia

Por AZEVEDO MARQUES
"Enviado dos "Diarios Azevedos" à zona das operações"

CASA NOVA, FEVEREIRO: — Acaba o período batânico de viver uma hora tragica. O sangue os contornos da Serra Ilheus sempre-lhe o modo, suscitado de ver-meio a letra morada pela se-

na. Quaranta e dois annos são passados que igual drama comovera as castiças vitorias. Governava o Estado o conselheiro Luiz Vianna, quando Canudos se tornou o grito doloroso de um povo abandonado. E' agora, na Serra do Espinho, governador, que o grito se repete. Sinistra consequencia!

NEGANDO ENCLIDES DA CUNHA
O grito de um doutor insomne transmittido ás operações que entre elles mesmo estrapalme-fuz transmittido ás operações através ás paginas impuortas e bellissimas de Rodrigues da Cunha. Lá a tragedia de hontem, em Canudos, é hór o drama de ho-

je, em Pau de Coíher e na Serra do Campo Alegre. Os motivos são os mesmos, mesmos os nomes personagens. Um povo infredor, ignorante, empedrado, as doemias, desalinhado, que ciuma hostil, abandonado pelo governo, procura fóra da terra na região imprertrável dos mór-

(Continua na pagina seguinte)

Titulo: Pau de Colher um pequeno canudos

Fonte: Estado da Bahia, Salvador, 22 de fevereiro de 1938



Titulo: Pau de Colher um pequeno canudos2

Fonte: Estado da Bahia, Salvador, 22 de fevereiro de 1938

"Foi um esbagaçamento horrível! Nunca vi igual"
A CHAGINA DE PAU DE COLHER FOI O MAIS BRUTAL QUADRO DA TRAGEDIA VIVIDA NO SERTÃO BAHIANO

Uma declaração oficial do capitão Optato Gueiros — Destruído o plano traçado pelo comando das Forças em Operação no Valle do São Francisco — Como foram fuzilados 35 prisioneiros feridos — A acção da força bahiana

Por Alfredo MARQUES

Intervenção especial das "Forças Armadas" à zona de operações...

CASA NOVA, Fevereiro: — O comandante do destacamento...

Em 1938 — João Serra'nha um dos mais audazes chefes de grupos e bandos presos no Sertão de Coimbra...

EM QUE DÃO ARBITRARIEDADES...

Título: "Foi um esbagaçamento horrível! nunca vi igual"
 Fonte: Estado da Bahia, Salvador, 23 de fevereiro de 1938

"Os anos de 1938 e 1939 serão de dores para o meu povo"
COMO FOI PRESO JOSE' CAMILLO, "CHEFE SUPREMO DO POVO DA SERRA"

A obra de "rasquinhamento" realizada pela Companhia de Fuzileiros — Quando o fuzil e a metralhadora realizam a obra do professor e do livro — Um grido lançado aos dirigentes do Estado Novo - Concluindo

Por Alfredo MARQUES

CASA NOVA — Fevereiro: — O comandante do destacamento...

EM QUE DÃO ARBITRARIEDADES...

Título: "Os anos de 1938 e 1939 serão de dores para o meu povo"
 Fonte: Estado da Bahia, Salvador, 24 de fevereiro de 1938

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves; RAPOSO, Eduardo, e FARAH, Paulo César (coords.). *Juraci Magalhães: minhas memórias provisórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- ALVES, Tarcísio Marcos. *A Santa Cruz do Deserto. A Comunidade Igualitária do Caldeirão 1920/1937*. Recife: Néctar, 2008.
- AZEVEDO, Thales de. *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- AZZI, Riolando. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. (Cadernos de Teologia e Pastoral, 11). Petrópolis: Editora Vozes, 1978.
- BASTIDE, Roger. *Brasil: terra de contrastes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher: Na letra e na Voz*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1999.
- CARIRY, Rosemberg. “O beato José Lourenço e o Caldeirão de Santa Cruz”. In: *Revista Itaytera*, n. 26. Crato, 1982:189-199.
- CASTRO GOMES, Angela Maria. *Regionalismo e centralização/partidos e constituintes nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980.
- DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- DESROCHE, H. *Dicionário de messianismos e milenarismos*. São Bernardo do Campo: Unesp, 2000.
- DUARTE, Raymundo. “Notas preliminares de estudo do movimento messiânico de Pau de Colher”. In: *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Salvador, 1969.
- _____. “Um movimento messiânico no interior da Bahia”. In: SCHADEN, Egon (org.). *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil*. (Seleções da Revista de Antropologia). Petrópolis: Editora Vozes, 1972:326-250.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 2001.
- ESTRELA, Raimundo. *Pau-de-colher: um pequeno Canudos*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1998.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos. Gênese e lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 30. História e historiografia*. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & PINTO, Surama Conde Sá. *A crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande y Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

KOHN, Hans. "Messianism". In: *Encyclopaedia of the Social Sciences*. New York: The Macmillan Company, vol. 9, 1950:356-363.

LEANDRO, Ana Lúcia Aguiar Lopes. "Movimento de Pau de Colher na perspectiva dos atores sociais: relações entre significações da religião e da miséria". Dissertação de Mestrado em Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003. 160 f.

MALVEZZI, Roberto. *A história de Pau de Colher – o último grande movimento messiânico do Brasil*, s.d. (mimeo).

MELLO, Maria Alba Guedes Machado. "O movimento messiânico de Pau de Colher (uma reconstituição histórica)". *Revista da Bahia*, v. 33, n.19, Salvador, 1991.

MONTEIRO, Duglas Teixeira de. *Os errantes do novo século – um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

PANDOLFI, Dulce. "A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político". In: GOMES, Ângela de Castro et. al. *Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980:339-425.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

POMPA, Maria Cristina. "Memória do fim do mundo: para uma leitura do movimento Sócio-religioso de Pau de Colher". 1995. 160 f. Dissertação de Mestrado em Antropologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Caldeirão*. Fortaleza: EDUECE, 1991.

TALMON, Yonina. *Milenarism. Internacional Encyclopaedia of the Social Sciences*. Vol. 9, Nova York e Londres, 1968.

TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo/Salvador: EDUNESP/EDUFBA, 2001.

TORRES, Alberto. *A organização Nacional*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938:162.

¹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965.

² DUARTE, Raimundo. "Notas preliminares de estudo do movimento messiânico de Pau de Colher". Comunicação apresentada ao *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Salvador, 1969.

³ "Ocorrência de 1938, o surto fanático de Pau-de-Colher, entre Pernambuco e Bahia, vem sendo reconstruído e analisado, por Raimundo Duarte, sob nossa orientação [...]." Ver AZEVEDO, Thales de. *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966:126.

⁴ CASTALDI, Carlo. "A aparição de demônio em Catulé". In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de et al. *Estudos de sociologia e história*. São Paulo, INEP – Anhembi, 1957:17-130; FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos. Gênese e lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, entre outros.

⁵ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1965; QUEIROZ, Mauricio Vinhaz de. *Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966, entre outros.

⁶ Constitui-se numa tentativa de interpretação de dados fundamentais da realidade social que unidos formam um arranjo com lógica própria, um sistema coerente, uma unidade, uma estrutura, enfim. Esta estrutura, por sua vez, liga grupos de fenômenos que, apesar de solitários e autônomos, atuam em conjunto para formar um sentido, uma inteligibilidade única. Esse método analítico reuniu pensadores das mais variadas áreas das Ciências Humanas e Sociais, da psicologia e da lingüística, à antropologia e à sociologia. Ver LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973; DERRIDA, Jacques *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995; SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995; entre outros.

⁷ Pode ser entendido, basicamente, como uma teoria sistêmica. Um modo de entendermos como a função de determinada manifestação do meio social se dá em um todo ordenado. Esse pensamento tenta compreender, portanto, em “função de que”, em “razão de que” cada parte de um todo se expressa, nunca de maneira isolada, mas em comunhão com todas as outras peças do sistema. Cada categoria funcional é vista como parte necessária e fundamental para manutenção e estabilização do organismo. Aliás, as metáforas com os sistemas orgânicos naturais é ferramenta recorrente nessas análises e a melhor forma para se entender a proposta funcional. Ver DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo, Martins Fontes, 1999; MALINOWSKI, Bronislaw. “A Teoria Funcional”. In: BIRNBAUM, P. & CHAZEL. *Teoria Sociológica*. São Paulo, HUCITEC-EDUSP, 1977; PARSONS, Talcott. “O conceito de sistema social”. In: CARDOSO, F. H.; IANNI, O. (Orgs.). *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973. p. 47-55; entre outros.

⁸ Podemos definir como um movimento filosófico e político que surgiu a partir das reflexões de Karl Marx e de outros pensadores que interpretaram sua obra. A doutrina marxista é muito extensa, mas podemos afirmar que a sua contribuição centra-se, *gross modo*, na análise das atividades humanas ao longo da história, na concepção de uma história universal cuja mola propulsora é uma força de contradição permanente, uma dialética entre partes conflitantes, ou, nas próprias palavras de Marx, uma luta entre classes. É desse processo, de uma transformação contínua, tomada de um ponto de vista totalizante e global, que se dará a evolução da sociedade humana e que em determinado ponto atingirá um estágio onde modos de produção não mais servirão para a opressão de classes e uma nova forma de sociabilidade, a qual Marx chamou de “socialismo” ou “comunismo” irá a se impor. Ver: MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998; MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global editora, 2006; entre outros.

⁹ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. op. cit., p. 140.

¹⁰ Em 1977, o município teve de ser transferido de lugar devido à construção da barragem para a *hidroelétrica da Cachoeira de Sobradinho*, empreendimento sob a responsabilidade da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), que cobriu as cidades originais de Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso e Santo Sé. O movimento religioso que iremos analisar ocorreu originalmente na *Casa Nova Velha*, que se encontra hoje submersa sob as águas do Lago de Sobradinho. Ver MARTINS-COSTA, Ana Luiza Borralho. “Uma retirada insólita: a representação camponesa sobre a formação do Lago de Sobradinho”. 1989:218-223. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

¹¹ DUARTE, Raymundo. “Um movimento messiânico no interior da Bahia”. In: SCHADEN, Egon (org.). *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil*. (Seleções da Revista de Antropologia). Petrópolis: Editora Vozes, 1972:326-250.

¹² MELLO, Maria Alba Guedes Machado. “O movimento messiânico de Pau de Colher (uma reconstituição histórica)”. *Revista da Bahia*, Salvador, v. 33, n. 19, 1991:52-59.

¹³ MALVEZZI, Roberto. *A história de Pau de Colher – o último grande movimento messiânico do Brasil*. s.d. (mimeo).

¹⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura, op. cit., p. 282.

¹⁵ POMPA, Maria Cristina. “Memória do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher”. Dissertação de Mestrado em Antropologia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: Unicamp, 1995:48.

¹⁶ ESTRELA, Raimundo. *Pau-de-colher: um pequeno Canudos*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia, 1998:33.

¹⁷ O PHAROL, “Fanatismo dissolvente e destruidor”. Petrolina, 12 de março de 1938.

- ¹⁸ O PHAROL, “Fanatismo! Banditismo! Petrolina, 3 de fevereiro de 1938.
- ¹⁹ LEANDRO, Ana Lúcia Aguiar Lopes. “Movimento de Pau de Colher na perspectiva dos atores sociais: relações entre significações da religião e da miséria”, 2003:7. Dissertação de Mestrado em Sociologia - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.
- ²⁰ DUARTE, Raymundo. “Notas preliminares de estudo do movimento messiânico de Pau de Colher”. In: *IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Salvador, 1969:15.
- ²¹ DUARTE, Raymundo. “Um movimento messiânico no interior da Bahia”. In: SCHADEN, Egon (org.). *Homem, Cultura e Sociedade no Brasil*. (Seleções da Revista de Antropologia). Petrópolis: Vozes, 1972:326-250.
- ²² O JORNAL, “Possível infiltração do comunismo nas hostes fanáticas do nordeste”. Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1938.
- ²³ POMPA, Maria Cristina, op. cit.
- ²⁴ ESTADO DA BAHIA. “PAU de Colher um pequeno Canudos”. Salvador, 22 de fevereiro de 1938.
- ²⁵ BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher: Na letra e na Voz*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1999.
- ²⁶ DUARTE, Raymundo, op. cit., p. 334-335.
- ²⁷ LANTERNARI, Vittorio. *As religiões dos oprimidos. Um estudo dos modernos cultos messiânicos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974:330-331.
- ²⁸ Ibidem, p. 334-335.
- ²⁹ ESTRELA, Raimundo, op. cit., p. 42, e MALVEZZI, Roberto, op. cit., p. 6.
- ³⁰ Boletim do Commando da Polícia Militar do Estado da Bahia, Salvador, 25 de fevereiro de 1938.
- ³¹ ESTRELA, Raimundo, op. cit., p. 43.
- ³² O PHAROL, “Você é nosso ou de Deus?”, Petrolina, 11 de janeiro de 1938.
- ³³ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano. A essência das religiões*. Lisboa: Livros do Brasil, 2001.
- ³⁴ HERMANN, Jacqueline. “História das Religiões e das Religiosidades”. In: VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro (orgs.). *Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia*. 1ª ed., Rio de Janeiro: Campus, vol. 1, 1997: 336.
- ³⁵ KOHN, Hans. “Messianism”. In: *Encyclopaedia of the Social Sciences*. New York: The Macmillan Company, vol. 9, 1950:356/363.
- ³⁶ TALMON, Yonina. “Milénarism”. *Internacional Encyclopaedia of the social sciences*. vol. 9, Nova York e Londres, 1968:104/115.
- ³⁷ ENCICLOPÉDIA EINAUDI. “Messias”. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994:280-302.
- ³⁸ Ibidem, p. 321.
- ³⁹ COHN, Norman. “Na senda do milênio. Milenaristas, revolucionários, anarquistas e místicos da Idade Média”. Lisboa: Presença, 1981; CAROZZI, Claude, & TAVIANI-CAROZZI, Huguette (orgs.). *La fin des temps. Terreurs et prophéties au Moyen Age*. Paris: Stock, 1982, entre outros.
- ⁴⁰ PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. op. cit., p. 46.
- ⁴¹ NOVINSKY, Anita Waingort. *Cristãos-novos na Bahia*. São Paulo: EDUSP & Editora Perspectiva, 1970.
- ⁴² MESSIAS, op. cit.; KOHN, Hans, op. cit.
- ⁴³ DESROCHE, H. *Dicionário de messianismos e milenarismos*. São Bernardo do Campo: UNESP, 2000.
- ⁴⁴ ENCICLOPÉDIA EINAUDI. “Milênio”. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994:303-324; TALMON, Yonina, op. cit.
- ⁴⁵ DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TEOLOGIA. “Milénarismo”. São Paulo: Aste, 2008, p. 642-645,
- ⁴⁶ Em seu estudo, Pompa faz uma análise inédita das “negociações” entre ameríndios (Tupi e Tapuia) e europeus. Revela que em meio ao conflituoso contato de dois povos distintos, não apenas o discurso sobre os sujeitos índios foram importantes para a convivência na colônia, mas também de que forma esses discursos foram “traduzidos” para os europeus. Ver POMPA, Maria Cristina. *Religião como tradução. Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.
- ⁴⁷ BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Edusp, 1971.
- ⁴⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande y Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- ⁴⁹ FREYRE, Gilberto, op. cit., p. 21 e 22.
- ⁵⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006:164.
- ⁵¹ A convocação do Concílio Vaticano II (1962-1965) pelo Papa João XXIII representou um grande movimento de reforma da Igreja. Criou uma atmosfera de abertura e diálogo e estimulou iniciativas que romperam com o imobilismo tradicional da Igreja e auxiliaram na elaboração de novas definições

doutrinais, que alinhavam a instituição às urgências pastorais e evangelizadoras da época. Ver LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II. Em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

⁵² HOORNAERT, Eduardo (coord.), op. cit., p. 9.

⁵³ MOTT, Luiz Roberto de Barros. “Cotidiano e convivência religiosa: entre a capela e o calundu”. In: SOUZA, Laura de Mello e. (org.) *História da Vida Privada no Brasil*. Cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

⁵⁴ AZZI, Rioldo. *O catolicismo popular no Brasil: aspectos históricos*. (Cadernos de Teologia e Pastoral; 11). Petrópolis: Vozes, 1978:40.

⁵⁵ NARBER, Gregg R. “Imagined Futures in conflict: Brazil’s Revolution of 1930, The Modernizing Estado Novo, and Millenarian Caldeirão and Pau de Colher”. Comunicação apresentada ao *XXVIII International Congress of the Latin American Studies Association (LASA)*, Rio de Janeiro, junho de 2009.

⁵⁶ PANDOLFI, Dulce. “A trajetória do Norte: uma tentativa de ascenso político”. In: *Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 30*. Coordenação Ângela de Castro Gomes et al. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980:347.

⁵⁷ Coligação que reuniu as correntes oligárquicas que foram excluídas do jogo sucessório para as eleições de 30 e representantes do movimento tenentista.

⁵⁸ FAUSTO, Boris. *A revolução de 30. História e historiografia*. São Paulo: Brasiliense, 1970:109-110.

⁵⁹ PINHEIRO, Israel de Oliveira. *A política na Bahia: Atraso e personalismos*. Feira de Santana: Ideação, n. 4, jul/dez 1999:66.

⁶⁰ MAGALHÃES, Juraci. *Minhas memórias provisórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 1982:83.

⁶¹ *Ibidem*, p. 82.

⁶² CASA NOVA, Bahia (BA), Histórico. Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=290720>. Acesso em 4 de abril de 2010; REMANSO, Bahia (BA), Histórico. Disponível em <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/remanso.pdf>>. Acesso em 4 de abril de 2010.

⁶³ ESTRELA, Raimundo, op. cit., p. 140-144.

⁶⁴ MENDES JUNIOR, Antonio; MARANHÃO, Ricardo (orgs.). “O Vice-reinado do Norte”. In: *Brasil História. Texto e consulta – Era de Vargas (Vol.4)*. São Paulo: Brasiliense, 1981:117.

⁶⁵ TAVARES, Luis Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Ática, 1987:186.

⁶⁶ AMARAL, Azevedo. *O Estado autoritário e a realidade nacional*. Brasília: Editora UNB, 1989:105.

⁶⁷ *O POVO*, “Um comunista entre os fanáticos”. Fortaleza, 27 de janeiro de 1938.

⁶⁸ “HISTÓRICO de Pau de Colher”. Carta anônima ao bispo de Juazeiro D. José Rodrigues. Juazeiro da Bahia, 1983.

⁶⁹ TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. “Operações militares em Pau de Colher”. *Revista Policial-militar*, dezembro de 1937/março de 1938:49-50.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*, “Fomentadores de perturbações sociais provocaram a incursão dos bandoleiros no sertão”. Fortaleza, 30 de janeiro de 1938.

⁷² *O POVO*, “Rechassados pela polícia, internam-se no Piauí”. Fortaleza, 26 de janeiro de 1938.

⁷³ ESTRELA, Raimundo, op. cit., p. 53-54.

⁷⁴ *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*. “O vulto que tomavam as recentes actividades dos fanáticos de José Lourenço”. Fortaleza, 8 de fevereiro de 1938.

⁷⁵ *Ibidem*.

⁷⁶ ATAÍDE, Austregésilo de. “Apenas uma hecatombe”. *Estado da Bahia*, Salvador, 28 de janeiro de 1938.